



COLEÇÃO SÍTIOS COM HISTÓRIA

MARIA DO CARMO FRANCO RIBEIRO

# O ANTIGO PAÇO ARQUIEPISCOPAL DE BRAGA



Universidade do Minho





## FICHA TÉCNICA

Título  
O Antigo Paço Arqueiepiscopal de Braga

Autora  
Maria do Carmo Franco Ribeiro

Colecção  
Sítios com História

Coordenação científica  
Arnaldo Sousa Melo e Maria do Carmo Ribeiro

Apoio editorial  
Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho

Coordenação editorial  
Rui Vieira de Castro e Felisbela Lopes

Edição  
Reitoria da Universidade do Minho

Local e data de edição  
Braga, 17 de Fevereiro de 2011

Design Gráfico  
Luís Cristóvam Dias

Fotografia  
Alfredo Cunha, José Cristóvam, Maria do Carmo Ribeiro, Maurício Guerreiro (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

Infografia  
Maria do Carmo Ribeiro, Maurício Guerreiro

Cartografia  
Maria do Carmo Ribeiro

Tiragem  
1000 exemplares

Depósito legal  
323150/11

ISBN  
978-972-8533-23-6

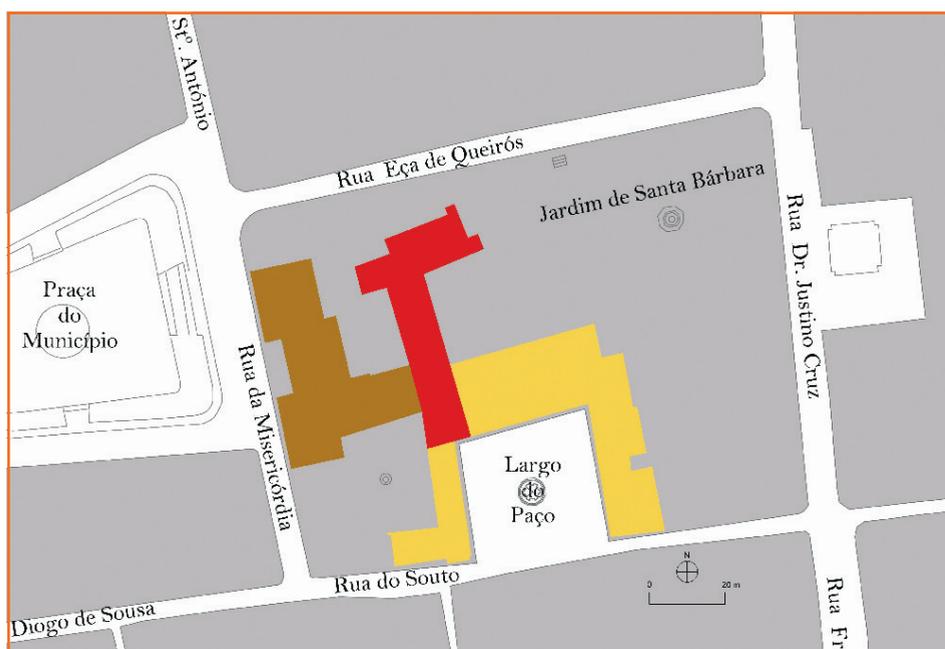
Impressão  
Candeias Artes Gráficas

## ÍNDICE

Introdução	5
Localização e inserção urbana	10
História do edifício	13
Fases construtivas do monumento	17
Estruturas sobreviventes	23
Corpo Medieval	24
Corpo Moderno	25
Corpo Barroco	36
Para saber mais	39



O Chafariz dos Castelos do Largo do Paço.  
Foto Alfredo Cunha



Localização geográfica do Antigo Paço Arqueiepiscopal com indicação dos Corpos Medieval (vermelho), Moderno (amarelo) e Barroco (castanho).

Foto José Cristóvam

Mapa Maria do Carmo Ribeiro

## INTRODUÇÃO

Localizado no coração do centro histórico, o Antigo Paço Arquiepiscopal é, ainda hoje, um dos edifícios mais emblemáticos existentes na cidade, testemunho inequívoco do poder e da importância que os arcebispos tiveram em Braga. Constitui um dos exemplares da arquitectura civil bracarense mais antiga, mas também mais complexo.

Composto por construções que se foram anexando desde o século XIV, o conjunto arquitectónico destinado à residência dos arcebispos desenvolve-se por uma vasta área, ocupando um lugar de destaque, nas proximidades da Sé Catedral e do edifício da Câmara Municipal.

A data exacta para os inícios da construção do palácio permanece desconhecida, muito embora a existência do brasão do arcebispo D. Gonçalo Pereira (1326-1348), encontrado na portada torremedieval, da ala mais antiga do edifício, sugira que date do século XIV.

Desde então, o complexo arquitectónico dos Senhores que governaram a cidade de Braga irá ser alvo de sucessivas intervenções urbanísticas até ao século XVIII.

Actualmente, permanece como um dos monumentos mais carismáticos da cidade, não só pela longevidade, mas, também, pelo simbolismo e beleza das suas formas.

Apesar da longa história, o monumento conserva ainda muitas características e elementos arquitectónicos que resulta-

ramdassucessivasremodaçõeseacrescentosqueconheceu,sendoconstituído, actualmente, portrésgrandescorpos:um Medieval, a norte, voltado para o Jardim de Santa Bárbara; um Moderno, a sul, datado dos séculos XVI, XVII e XVIII, com fachada para o Largo do Paço e Rua do Souto; outro Barroco, a poente, também conhecido como Paço de D. José de Bragança (1741-1756), virado para a Praça do Município.

O Antigo Paço Arqueiepiscopal está classificado como imóvel de interesse público desde 1967.



Arcos góticos pertencentes ao Corpo Medieval do Antigo Paço Arqueiepiscopal.  
Foto Alfredo Cunha



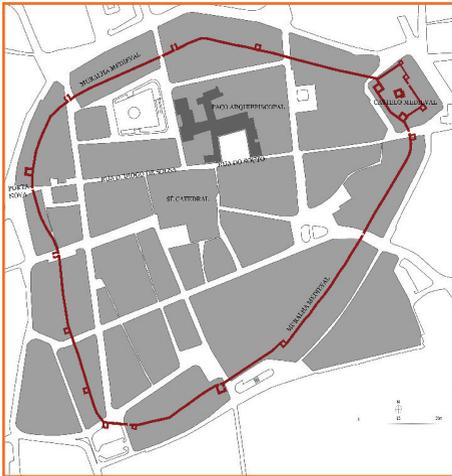


Fachada do Corpo Barroco virada para a Praça do Município.  
Foto Alfredo Cunha

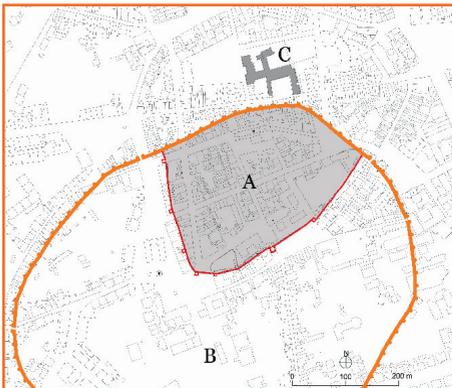


Fachada do Corpo Moderno virada para o Largo do Paço.  
Foto Alfredo Cunha

## LOCALIZAÇÃO E INSERÇÃO URBANA



Localização geográfica do Antigo Paço Arqueiepiscopal.  
Mapa Maria do Carmo Ribeiro



A — Perímetro da muralha alto medieval de Braga;  
B — Perímetro da muralha romana, finais do século III/inícios do IV;  
C — Paço Arqueiepiscopal.  
Mapa Maria do Carmo Ribeiro

> Mapa de Braga, atribuído a Georg Braun (1594),  
comumente designado de Mapa de Braunio.

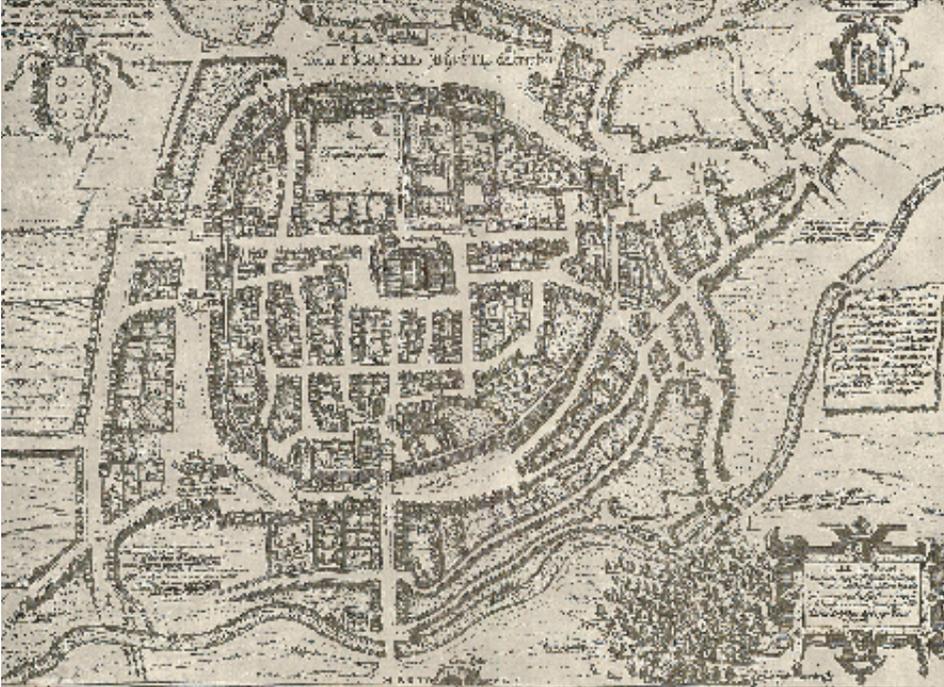
Nos corpos Medieval e Barroco estão instalados atualmente o Arquivo Distrital e a Biblioteca Pública de Braga, unidades culturais da Universidade do Minho. Por sua vez, a Reitoria da Universidade ocupa praticamente todo o Corpo Moderno.

O Antigo Paço Arqueiepiscopal terá conhecido, desde sempre, uma localização privilegiada no plano urbanístico da cidade, situando-se no centro do núcleo medieval amuralhado, nas proximidades da Sé, abrindo a sua fachada principal para o Largo do Paço e a Rua do Souto.

Atualmente, ocupa a parte nascente do quarteirão formado pela Rua Eça de Queirós a norte, a Rua Dr. Justino da Cruz a nascente, a Rua do Souto a sul e a Rua da Misericórdia a poente.

Osítio onde foi construído o Palácio dos Arcebispos encontrava-se até aos séculos XIII/XIV fora do perímetro amuralhado da Alta Idade Média. Na verdade, até essa altura, a parte norte da cerca defensiva resultava do reaproveitamento da muralha romana, construída nos finais do século III/inícios do IV.

Todavia, o local onde foi edificado estaria destinado desde há muito tempo às actividades do Arcebispado. A documen-



tação medieval do cabido, que refere o espaço geográfico onde será construído o Paço Arquiepiscopal, permite fixar aí uma quinta e a vinha do Arcebispo. Aliás, no Mapa de Braunio, a primeira representação cartográfica existente para a cidade, elaborado no século XVI, o Paço Arquiepiscopal encontra-se, ainda, ladeado pelo Campo da Vinha, a norte, e pelo Campo dos Touros do Arcebispo, a oeste.

Até ao século XIV, a residência do Arcebispo e dos clérigos far-se-iam nos edifícios anexos à Sé Catedral. Todavia, estes espaços deveriam ser bastante exíguos para albergar os Senhores de Braga e a sua corte.

O arcebispo D. Gonçalo Pereira, se a ele atribuímos a primeira construção, terá aproveitado o alargamento da cerca de-

fensiva medieval para norte, ao longo do século XIV, para mandar edificar a nova residência dos arcebispos, elegendo para o efeito um espaço perto da Sé, protegido pela nova cintura defensiva e pelo Castelo.

Como o alargamento da linha de muralha medieval para norte, o edifício passará, conjuntamente com a Sé, a ocupar um lugar destacado da cidade medieval. De igual modo, grande parte das propriedades eclesíásticas contíguas ao Palácio dos Arcebispos passa a estar protegida pela estrutura defensiva medieval. Inclusivamente, um dos torreões integrados na muralha, construído no alinhamento da torre do Paço Arquiepiscopal, permitia o acesso exclusivo aos seus terrenos.

O Paço Medieval terá sido construído como uma fortaleza, encontrando-se

todo fechado por muros e edifícios, com as suas fachadas viradas para o interior, formando um conjunto privilegiado e destacado em toda a cidade, como se pode observar na sua representação no Mapa de Braúio.

Este conjunto obedece a uma lógica construtiva onde a defesa e a imponência são critérios de organização do espaço, em harmonia com a Sé Catedral e o Castelo, destacando-se a restante organização urbanística da cidade medieval.

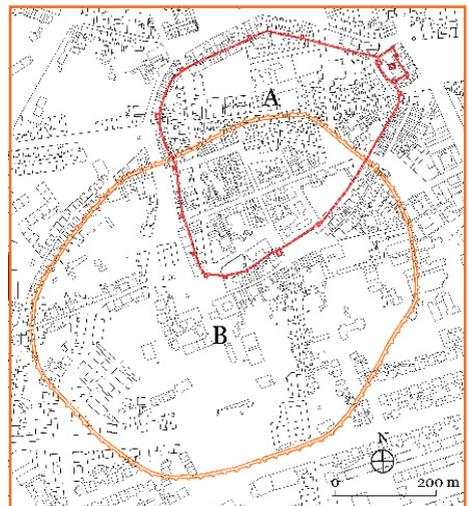
As intervenções na malha urbana operadas durante a Idade Moderna continuaram, igualmente, a colocar em evidência o palácio dos Arcebispos. Refiram-se, a título de exemplo, as acções urbanísticas levadas a cabo pelo arcebispo D. Diogo de Sousa (1505-1532) na cidade que, entre outros aspectos, visaram o melhoramento dos espaços contíguos ao Paço Arquiepiscopal, designadamente, o alceitamento e ornamentação do espaço entre a Sé Catedral e o Paço, a regularização da Rua do Souto, a abertura da actual Rua D. Diogo de Sousa, bem como do Arco da Porta Nova.

As acções construtivas levadas a cabo pelos sucessivos arcebispos transformaram o Paço no segundo edifício mais imponente da cidade, a seguir à Sé.

Actualmente, apesar do tempo decorrido e das transformações estruturais e funcionais que conheceu, permanece como um dos monumentos mais simbólicos e ilustrativos da história da cidade.



Corpo Medieval do Antigo Paço Arquiepiscopal  
Foto Alfredo Cunha



Perímetro amuralhado romano (B) e medieval (A).  
Mapa Maria do Carmo Ribeiro

## HISTÓRIA DO EDIFÍCIO

A revitalização da cidade de Braga na Idade Média foi devedora, em larga medida, da actuação dos condes portucalenses, D. Henrique e sua esposa, D. Teresa, e do bispo D. Pedro, a quem coube a árdua missão de restabelecer a arquidiocese, restaurada em 1071, angariando para a cidade estatuto, poder patrimonial, bem como as necessárias infra-estruturas que lhe permitiram revigorar-se e engrandecer-se.

Paralelamente às actuações do bispo D. Pedro, também os condes D. Henrique e D. Teresa contribuíram de forma decisiva para a dignificação e engrandecimento do núcleo urbano. No ano de 1112, os mesmos soberanos acabaram por entregar o couto de Braga e o seu termo, com os respectivos direitos fiscais, à Arquidiocese. Desde então, a igreja local obteve uma posição muito privilegiada na cidade, a qual, ao longo dos tempos, se traduziu num forte poder e influência, designadamente ao nível do urbanismo e da arquitectura, como aliás ainda é actualmente perceptível no espaço urbano bracarense.

A Sé Catedral mandada construir pelo arcebispo D. Pedro, e consagrada em 1089, assinala o nascimento e a organização do burgomedieval, desempenhan-



<  
Corpo Medieval acastelado do Antigo Paço  
Arquiepiscopal (vista norte).

Vestígios sobreviventes do Antigo Paço Arquiepiscopal,  
vista este do Corpo Medieval.

Fotos Maurício Guerreiro/UAUM

>  
Vestígios sobreviventes do Antigo Paço Arquiepiscopal,  
vista oeste do Corpo Medieval.

Vista norte da ala do Corpo Moderno virada para o  
Jardim de Santa Bárbara.

Fotos Maurício Guerreiro/UAUM

do um papel destacado na estruturação do núcleo urbano.

Apesar da inexistência de documentos que comprovem a data exacta do início da construção do Palácio Arquiepiscopal, os vestígios sobreviventes permitem propor, com alguma segurança, o século XIV como o mais provável. Para além do brasão do arcebispo D. Gonçalo Pereira, as construções mais antigas que chegaram até aos nossos dias reforçam a probabilidade desta data.

Refira-se que as fontes escritas que nos permitem reconstituir a história do Paço Arquiepiscopal são muito fragmentadas, razão pela qual a estrutura sobreviventes e as representações iconográficas e cartográficas existentes assumem um papel primordial.

Apesar das inúmeras intervenções construtivas e arquitectónicas que o Paço conheceu ao longo do tempo, na generalidade, parece ter existido alguma preocupação em manter o que havia sido anteriormente edificado. O resultado que chegou até aos nossos dias é disso bem ilustrativo: um complexo arquitectónico composto por construções que se foram anexando ao longo dos tempos.

O Corpo Moderno, virado para o Largo do Paço, foi o que conheceu as maiores transformações ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, sendo composto por três grandes salas (oeste, norte e este) que se abrem para o átrio que envolve o famoso Chafariz do Castelos.



## FASES CONSTRUTIVAS DO MONUMENTO

A primeira fase construtiva do Paço, datada dos séculos XIV/XV, relaciona-se com a estrutura acastelada que integra o Corpo Medieval, a norte, no actual Jardim de Santa Bárbara.

Este conjunto terá sido ampliado, no século XV, pelo arcebispo D. Fernando da Guerra (1417-1467), que mandou construir umas “câmaras” e significativos acréscimos no edifício, que, segundo o próprio Registo das Obras mandadas fazer por D. Diogo de Sousa, deverão ter incidido no Corpo Moderno. Nas fontes aparece, inclusivamente, uma referência à câmara da torre que existia no corpo dos ditos paços, da qual o arcebispo terá despachado correspondência.

No século XVI, o arcebispo D. Diogo de Sousa irá intervir igualmente no Paço, dotando-o de um conjunto de novas infra-estruturas, que conferem ao edifício a firmeza, utilidade e venustas que regeram a sua actuação urbanística. Entre as intervenções deste arcebispo, tal como se lê no Registo das Obras, destacam-se, no Corpo Moderno, virado para o actual Largo do Paço: “uma escada nova em cantaria, construída no terreiro, do lado de fora do edifício, com um páti grande em cima, sobre colunas e seis arcos; um novo chafariz na calçada diante do paço, porque o outro estava roto; um jardim entre os Paços e a Sé, no qual, do lado da Sé mandou fazer uma soteia muito gran-



Vista da ala este do Corpo Moderno, virada para o Largo do Paço.  
Foto Maurício Guerreiro/UAUM



Vista da ala oeste do Corpo Moderno, virada para o Largo do Paço.  
Foto Maurício Guerreiro/UAUM

>  
Vista da ala central do Corpo Moderno, virada para o Largo do Paço.  
Foto Maurício Guerreiro/UAUM

de sobre colunas, e do lado da rua, uma janela ferrada e uma porta para a Capela de S. Gonçalo; cinco novas câmaras na sala velha grande, que corre pela câmara grande que está sobre o dito jardim, com cinco janelas de assento com ferros e numa delas uma chaminé”.

Em meados do século XVI, o arcebispo D. Manuel de Sousa (1544-1549) mandou construir, no Corpo Moderno, a ala nascente do actual Largo do Paço, no local onde se encontravam umas casas, mandando instalar, no rés-do-chão, a Casado Auditório e o Tribunal da Relação.

Em 1593, o arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus mandou construir no Corpo Moderno, na ala poente, a chamada Galeria. A obra, realizada pelo mestre de pedraria Manuel Luís, vem acrescentar um novo elemento à composição das fachadas viradas para o Largo do Paço, uma arcada sustentada por robustas colunas.

No século XVII, D. Rodrigo da Cunha (1627-1635) mandou fazer a ligação das alas nascente e poente, do Corpo Moderno, virado ao Largo do Paço, que até então se encontravam isoladas.

A última grande intervenção, no Corpo Moderno, foi realizada por D. Rodrigo de Moura Telles (1704-1728) em 1709 e 1713. A ele se ficou a dever a reconstrução das alas central, nascente e poente.

Na ala central mandou construir umas escadas interiores, com três lances, para dar acesso à Salada dos Arcebispos, as quais substituíram as que anteriormente se en-

contravam no exterior, mandadas construir por D. Diogo de Sousa. No interior desta ala procedeu, igualmente, à reforma da Sala Grande dos Arcebispos que deixou de ser acessível pelo exterior.

Roma e o monarca português D. João V, o pálio só viria a ser reocupado, em 1741, pelo novo arcebispo D. José de Bragança (1741-1756). Este prelado, ainda antes de ocupar a residência dos Arcebispos,



Por sua vez, na ala nascente, mandou ampliar o edifício onde se encontrava o Tribunal da Relação e a Casa do Auditório, que passou a ocupar o espaço do aljube que aí se encontrava, o qual foi transferido para junto do Castelo.

No exterior mandou, igualmente, substituir o chafariz que havia sido colocado no actual Largo do Paço, por D. Diogo de Sousa, para aquele que actualmente ainda se encontra no referido largo, conhecido pelo nome de Chafariz dos Castelos.

Após a morte de D. Rodrigo de Moura Telles, o Paço Arquiepiscopal ficou vago. Devido aos problemas existentes entre

mandou realizar obras de restauro e alargamento do edifício, criando uma nova ala, o Corpo Barroco, virada para a actual Praça do Município, antigo Campo de Touros do Arcebispo.

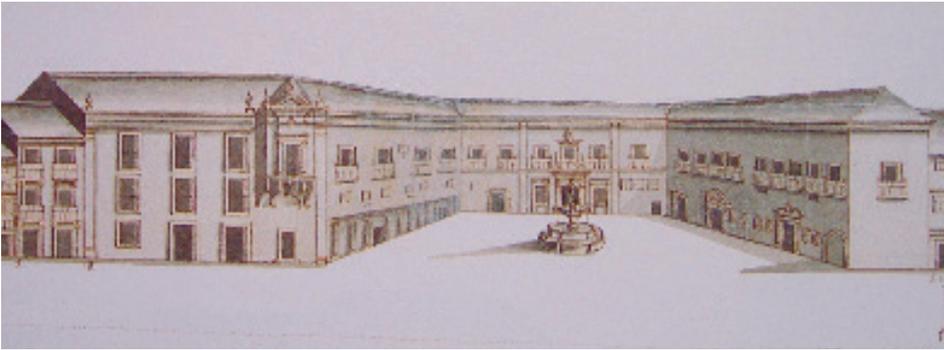
A profunda reforma e ampliação de todo o Corpo Barroco do Paço implicou, entre outros, a demolição da Casa da Roda, que, desde 1568, lhe era contígua.

Após a conclusão das obras no Corpo Barroco, em 1751, aí foram instaladas as dependências que serviam de residência a D. José de Bragança, onde se incluíam vários quartos, designadamente, do arcebispo, diversas salas de audiência, de



Representação do Antigo Paço Arquiepiscopal no Mapa da Cidade de Braga Primaz (1755).  
Biblioteca Nacional da Ajuda

> Representação do Antigo Paço Arquiepiscopal no Mapa das Ruas de Braga (1750).  
Arquivo Distrital de Braga



espera, de comer, inúmeros corredores e escadas, assim como o oratório.

A criação da nova fachada barroca, provavelmente da autoria de André Soares, irá marcar a topografia urbana no sector a poente do Paço, correspondente ao Campo de Touros do Arcebispo.

D. José de Bragança mandou, ainda, construir neste campo o actual edifício da Câmara Municipal, de traça barroca e de senhore de André Soares, entre 1753-1756. Estas duas construções, conjuntamente com as restantes intervenções que o prelado mandou fazer no Campo de Touros do Arcebispo, designadamente casas para os seus familiares, fizeram da actual Praça do Município uma espécie de espaço pessoal.

A ele se deve, igualmente, a ampliação da ala nascente, no Corpo Moderno, virada para o actual Largo do Paço. Com o objectivo de alargar a residência do bispo auxiliar, adquiriu umas casas na Rua do Souto, acrescentando uma pequena fachada à ala, virada para a referida rua.

No século XIX, devido aos problemas políticos surgidos com a implantação do

Liberalismo em Portugal, e encontrando-se o arcebispado em Sede Vacante, desde 1827, o Corpo Barroco do Paço passou a albergar a família real e o rei D. Miguel, desde finais do ano de 1832 até aos inícios de 1833. Em 1866 este corpo encontrava-se arruinado, tendo sido completamente destruído por um incêndio. Assim permaneceu até 1930 quando, sob a égide do Estado Novo, é decidida a sua revitalização.

Após o restauro deste corpo do Paço Arquiepiscopal, realizado, em 1934, pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, o Arquivo Distrital e a Biblioteca Pública de Braga passam a ocupar o Corpo Barroco, mas também o Medieval e parte do Moderno.

Por sua vez, na ala este do Corpo Moderno esteve sediado, entre 1917 e 1977, o Museu D. Diogo de Sousa. A partir de 1973, as alas central e nascente passam a fazer parte da Universidade do Minho.

Desde 1976, com a incorporação do Arquivo Distrital e da Biblioteca Pública, todo o edifício passa a pertencer à Universidade.



Vestígios de silharessalientesquedenunciamanteriores  
construçõesadossadasaoCorpoMedieval,vistanorte.  
Foto Maurício Guerreiro/UAUM



Pormenor do Corpo Medieval, vista este.  
Foto Maurício Guerreiro/UAUM

> Pormenor da torre do Corpo Medieval.  
Foto Maurício Guerreiro/UAUM

## ESTRUTURAS SOBREVIVENTES

O Paço, à semelhança da Sé Catedral, constitui produto de uma série de alterações arquitectónicas consecutivas, que foram ocorrendo ao longo de diferentes fases construtivas, tendo cada uma delas deixado as suas marcas no complexo residencial dos arcebispos, tal como hoje ainda pode ser observado.

Todavia, no caso do Paço Arquiepiscopal, as transformações foram feitas, em larga medida, por sucessivos acrescentos, circunstância que determinou a extensão em área do complexo arquitectónico, permitindo a sua preservação.





Tal como já referido, os restos sobreviventes podem ser agrupados em três corpos e áreas distintas (alas). Assim, podemos definir a parte norte, com as estruturas medievais – o Corpo Medieval –, a parte sul, construída nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII – o Corpo Moderno – e na zona poente, a construção barroca – o Corpo Barroco –, também denominada Paço de D. José de Bragança.

### Corpo Medieval

Os vestígios materiais que sobreviveram da primeira fase construtiva do Paço Arqueiepiscopal, datados dos séculos XIV e XV, relacionam-se com o Corpo Medie-

val, a norte, no actual Jardim de Santa Bárbara.

Este corpo, mandado construir pelos arcebispos D. Gonçalo Pereira e D. Fernando da Guerra, desenvolve-se em dois pisos, constituindo uma residência acastelada de planta em L, com imponentes paredes formadas por blocos de granito regulares e coroada por cubelos amealados. As fachadas são rasgadas por portas e frestas, no nível térreo e, no primeiro andar, por janelas góticas.

A existência de silhares salientes em algumas paredes exteriores denuncia a existência de outras construções que an-



Pormenor da ligação entre o Corpo Medieval e o Corpo Moderno.

Foto Maurício Guerreiro/UAUM

<  
Vista do Corpo Medieval para a Torre de Menagem do Castelo Medieval, ao fundo.

>  
Salade depósito de espólio bibliográfico existente no 2º piso do Corpo Medieval.

>  
Salão Medieval do Antigo Paço Arquiepiscopal.

Fotos Alfredo Cunha

teriormente se encontravam adossadas às fachadas actuais.

Do conjunto sobreviventes sobressai uma grande torre, que deveria funcionar como torre de menagem, a partir da qual seria possível controlar a Sé e o Castelo, bem como toda a cidade.

Actualmente, a generalidade das dependências interiores serve de depósito do Arquivo Distrital e da Biblioteca Pública. Do espólio bibliográfico aí armazenado, merecem, igualmente, destaque duas pequenas bibliotecas; uma denominada Barca-Oliveira e a outra pertencente anteriormente ao político Manuel Monteiro.

No rés-do-chão situa-se um enorme salão, denominado comumente Salão Medieval. Desenvolve-se num amplo espaço composto por grandes paredes de granito e um notável tecto de madeira pintado. Devido às excelentes condições acústicas, é utilizado como sala de eventos, em particular musicais, mas também, actos solenes, festivose culturais da Universidade do Minho.

No jardim de Santa Bárbara, anexo a este sector medieval do Paço, são ainda visíveis elementos arquitectónicos dispersos, brasões de diferentes arcebispos e quatro amplos arcos góticos que integrariam a construção inicial.

### Corpo Moderno

O Corpo Moderno, a sul, virado para o

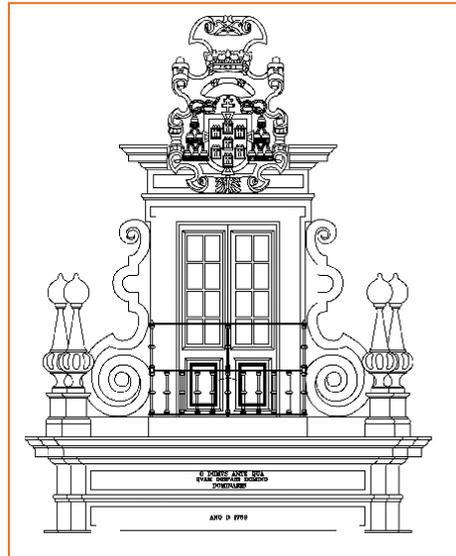




Pormenor da porta principal da ala central do Corpo Moderno.

Foto Maurício Guerreiro/UAUM

Brasão de D. Rodrigo Moura Teles existente sobre a porta principal da ala central do Corpo Moderno.



actual Largo do Paço, é constituído por três alas e foi objecto de várias intervenções estruturais e arquitectónicas. A última grande intervenção neste corpo foi realizada por D. Rodrigo de Moura Teles. A ele se ficou a dever a reconstrução das alas central, nascente e poente, que passaram a estar todas ligadas internamente.

#### Ala norte ou central

A ala norte, ou central, a mais antiga deste corpo, foi a que conheceu as maiores modificações. Do conjunto das intervenções realizadas por D. FernandodaGuer-

rae, posteriormente, D. Diogo de Sousa, poucos são os vestígios sobreviventes.

A fachada actual, de cariz sóbrio, mandada edificar por D. Rodrigo de Moura Telles, desenvolve-se em dois pisos e possui a frente principal para o Largo do Paço. A outra fachada encontra-se virada para o Jardim de Santa Bárbara. O primeiro piso é rasgado por grandes portase janelas, de decoração simples. O segundo, virado para o Largo do Paço, é composto por idênticas janelas, excepto a que se situa no centro, por cima da porta principal, de decoração graciosa e encimada pela imponente pedra de armas de D. Rodrigo de Moura Teles. Por baixo do brasão do arcebispo encontra-se a inscrição latina: Ó domus antiqua quam dispari dominodominaris «Ó casa antiga quanto é diferente o Senhor que te domina».

No interior da ala central, a comunicação do primeiro com o segundo piso é feita através de uma volumosa escadaria, que sai de um amplo átrio interior existente e permite comunicar com a antiga Sala dos Arcebispos, uma das salas de actos actualmente mais emblemática na parede da qual estão expostos os retratos dos vários reitores da Universidade do Minho, vulgarmente designada Salão Nobre da Reitoria. É um grande espaço destinado a eventos de grande representatividade histórica, cultural e académica. Até ao ano de 2010, as provas académicas de doutoramento eram aí realizadas.

#### Ala nascente

A ala nascente, igualmente de dois pisos, foi mandada construir em meados do século XVI pelo arcebispo D. Manuel de Sousa, e, mais tarde, ampliada por D. Rodrigo de Moura Telles, conservando, ainda, muitos traços da sua história construtiva.

Na parte primeiramente edificada, junto à ala central, é ainda possível observar sobre a porta do primeiro piso, por baixo da pedra de armas, uma inscrição que refere o arcebispo D. Manuel de Sousa, onde se lê: ILLUSTRANDAE URBIS CAUSA SIT UE UNDE PETANTUR / IURA NEC INSTABILIDENTUR UT ANTE LOCO / SOUSA PATER DÑS QUE URBIS MAGNUS Q SACERDOS / INSTITIAE EMANUEL NOBILE STRUXIT OPUS.

«Seja motivo de ilustração da cidade para que não sejam daí exigidos direitos nem movidas controvérsias, que, diante do local, Manuel Sousa, pai e senhor da cidade e grandesacerdote da justiça, notável obra construiu» (tradução de José d'Encarnação).





Ala nascente do Corpo Moderno, mandada construir pelo arcebispo D. Manuel de Sousa.  
Foto Maurício Guerreiro/UAUM



Inscrição e armas do arcebispo D. Manuel de Sousa existentes na ala nascente do Corpo Moderno.



Salão Nobre da reitoria da Universidade do Minho, antiga Salão dos Arcebispos, no 2º piso da ala central do Corpo Moderno.  
Foto Alfredo Cunha



Aladearestaportaencontram-seduasjanelas com uma moldura trabalhada de influência renascentista. Igualmente, no interior do primeiro piso, a adornar uma grande sala encontram-se três grandes arcos, colunasecapitéis,entreoutroselementosde arquitectura de inspiração renascentista.

Arestanteedificaçãodaalanascenteapresenta uma fachada muito idêntica à anterior. A do primeiro piso encontra-se rasgada por uma portacentral,sobaqualseencontramasarmas de D. Rodrigo de Moura Teles, e duas janelas decadaumdoslados.Opisosuperiorécompostoporquatrograndesjanelasdemoldurasimples, idênticas às da ala central.

Aalanascente,àsemelhançadaalapoente,temumapequenafachadaviradaparaa Rua do Souto.

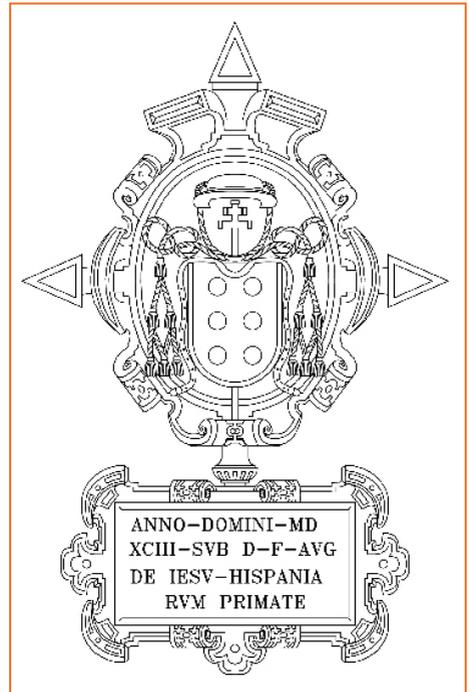
#### Ala poente

Naalapoente,chamadaGaleria,épossívelobservarnafachadasuperiorumainscrição referente à data da sua construção, em 1593, no tempo do arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus. Esta ala é composta por um longo piso superior, fechado, exteriormente muito semelhante aodaala central. A sustentá-lo está uma arcada, com possantes colunas.

> FachadadaalapoentedoCorpoModernoviradaparaa Rua do Souto, com a Janela dos Arcebispos.  
Foto Maurício Guerreiro/UAUM



Fachada da ala poente do Corpo Moderno.  
Foto Maurício Guerreiro/UAUM



Brasão existente na ala poente do Corpo Moderno.







O interior do piso superior é ocupado por uma ampla sala, corrida, com tecto de madeira pintada. Neste piso, na fachada virada para a Sé, localiza-se a famosa Janela dos Arcebispos. Este acrescento é ainda hoje bem visível na fachada do Paço que acompanha a Rua do Souto, sendo igualmente bem ilustrada no Mapa das Ruas de Braga (1750).

No centro do Largo do Paço encontra-se um dos chafarizes barrocos mais emblemáticos da cidade, conhecido como Chafariz dos Castelos. Foi mandado construir pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, em 1723. É constituído por uma taça, suportada por atlantes e ladeada por seis castelos. Decada a decada sai uma bica de água. Do meio da taça nasce um pedestal em forma de castelo, que serve de base a uma figura feminina de pé, com uma esfera sobre a cabeça.

### Corpo Barroco ou Paço de D. José de Bragança

O Corpo Barroco, a poente, virado para a Praça do Município, foi mandado construir pelo arcebispo D. José de Bragança, no século XVIII. Da autoria de André Soares, a nova fachada do Paço e o edifício da Câmara Municipal, situados em lados opostos da Praça do Município, acabariam por conferir a este espaço a dimensão de um exemplo por excelência do barroco bracarense. Todavia, o incêndio ocorrido no Corpo Barroco em 1866 e, posteriormente, as obras de restauro,

em 1934, acabariam por transformar o edifício original.

O novo edifício do Paço, virado para a Praça do Município, desenvolve-se em três pisos, apresentando uma fastosa e imponente fachada de composição simétrica. As janelas, de perfil rectangular, vão aumentando o nível de decoração de forma ascendente, encontrando-se ao terceiro piso elaboradamente emolduradas por motivos ondulados. O corpo central encontra-se recuado, apresentando umas pequenas escadas e um átrio a anteceder a majestosa entrada principal, constituída por um portão monumental, ladeada por ricos motivos decorativos e encimada por um trabalhado balcão.

Nas esquinas do corpo central é ainda possível ver a pedra de armas do arcebispo D. José de Bragança.

O interior do Corpo Barroco do Antigo Paço Arquiepiscopal, composto por inúmeras salas, corredores e escadas, encontra-se repleto de pormenores arquitectónicos e decorativos de grande beleza e requinte. Uma das salas mais emblemáticas, a Sala do Arcaz, possui um precioso

<  
Fachada principal do Corpo Barroco.

Foto Alfredo Cunha



A Sala do Arcaz existente no interior do Corpo Barroco.

Foto Alfredo Cunha

móvel arquivístico, do séc. XVIII, onde estão depositados manuscritos iluminados, cartulários vários, livros de horas e missais, pertencentes ao Arquivo Distrital de Braga.

Repartidos pelas inúmeras salas interiores, conservam-se ainda valiosos conjuntos decorativos medievais e modernos, mercê de trabalhos cuidadosos de restauro, entre os quais se destacam: tectos pintados, candeeiros de recorte medieval, móveis, estantes e varandins de madeira, escadarias de pedra, entre outros.

A integração da Biblioteca Pública e do Arquivo Distrital de Braga na Universidade do Minho, em 1976, trouxe inúmeros benefícios ao tratamento dos fundos bibliográfico e arquivísticos, à aquisição de mobiliário e equipamento, bem como à conservação do edifício em geral.



Sala de depósito do espólio bibliográfico existente no Corpo Barroco.  
Foto Alfredo Cunha

**PARA SABER MAIS**

Costa, Avelino Jesus da Costa (1993) *Registo das obras mandadas fazer por D. Diogo de Sousa*, in "D. Diogo de Sousa novo fundador de Braga e grande Mecenaz da Cultura". Sep. da Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 anos da dedicação da Catedral.

Feio, Alberto (1984) *Coisas Memoráveis de Braga*, Biblioteca Pública de Braga.

Ferreira, José Augusto (1932) *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga (séc. III-séc. XX)*. Vol. III. Mitra Bracarense. Braga.

Marques, José Marques (1983) *Braga Medieval*, Braga.

Ribeiro, Maria do Carmo (2008) *Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*, Braga, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Tese de Doutoramento: 2 v. URL: <http://hdl.handle.net/1822/8113>.

Vasconcelos, Maria Assunção Jácome (1992) "Breve notícia das obras realizadas pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles no paço arquiepiscopal", *Forum*, nº11, pp. 3-8.

Vasconcelos, Maria Assunção Jácome (1997) "Achegas para o estudo do Paço do Arcebispo D. José De Bragança", *Forum*, nº22, pp. 65-84.

